

EDIFÍCIO DAS DIRETORIAS: EMBLEMA MODERNISTA EM FLORIANÓPOLIS

Eloah Rocha Monteiro de Castro¹

Resumo: Este artigo propõe uma leitura do Edifício das Diretorias, localizado no Centro de Florianópolis, que abriga funções ligadas ao poder público estadual. Sua linguagem modernista é emblemática do processo de modernização cultural por que passa o país a partir dos anos 30. A aplicação extensiva de determinadas técnicas construtivas que emergem neste período e certas trocas culturais que operam no terreno da arquitetura permitem introduzir este edifício num contexto mais amplo. Ao mesmo tempo destacam-se singularidades no projeto, que provém de sua ligação à implantação da arquitetura do centro histórico.

Palavras-chave: Arquitetura - Modernismo - Técnicas Construtivas - Centro Histórico

Abstract: This article is an attempt to analyze the Edifício das Diretorias, where the offices of the State public power are gathered, localized in Florianópolis's downtown. Its architectural language is clearly modernist, representing the cultural modernization process of the country, started in the 1930's. From this building and considering the wide application of specific constructions techniques, that growth in that period of time, and the cultural changes that works in the architecture field, it will be possible put it in a large context. At the same time, will be appointed peculiarities of the project and its relation with the historical downtown architecture.

Keywords: Architecture – Modernism – Constructing techniques – Historical downtown

A tarefa a que me proponho neste ensaio é a de trazer à cena um edifício ligado ao Poder Público, projetado em 1953, inaugurado em 1961, que se localiza à Rua Tenente Silveira, na esquina com a Rua Deodoro,

¹ Graduada em Arquitetura pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Mestranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Bernardete Ramos Flores. Professora no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC.

no centro de Florianópolis: o Edifício das Diretorias. A história do edifício, da edificação e seu enraizamento no contexto cultural da cidade, na década de 50, constituem o objeto de pesquisa para a dissertação de mestrado que tematiza o Modernismo e seus efeitos disseminados. O desafio é o de trabalhar num cruzamento que abre para a História da Arquitetura um terreno de possibilidades: compor práticas e percepções do historiador e do arquiteto.

Além da pesquisa documental que busca dar conta dos processos históricos ligados ao projeto e à construção do edifício, bem como visualizar o sentimento cultural da cidade naquele período, estou valendo-me da condição privilegiada de observadora desta obra, que marca, com traços nítidos do Modernismo, sua presença no centro da cidade. Neste sentido, a leitura do edifício também conta com uma entrada que apreende o espaço considerando o nível tátil da experiência, nas palavras de Walter Benjamin: *Os edifícios comportam uma dupla forma de recepção: pelo uso e pela percepção. Em outras palavras por meios táteis e óticos. (...) A recepção tátil se efetua menos pela atenção que pelo hábito. No que diz respeito à arquitetura, o hábito determina em grande medida a própria recepção ótica*².

Esse método remete à questão da visibilidade que, em Le Corbusier dos anos 20, se liga a uma ação sensível, exercitável e fundamental: *Nossos olhos são feitos para ver as formas sob a luz*³. *Os elementos arquiteturais são a luz e a sombra, a parede e o espaço. (...) O homem vê os objetos da arquitetura com seus olhos que estão a 1,70 do sol*⁴. Estas observações de Le Corbusier preservam aspectos importantes da iniciação à arquitetura como experiência estética. “Um jogo de volumes sob a luz” que, quando executado com sabedoria, provoca efeitos de beleza para o espectador - usuário. Por outro lado, se na busca de uma compreensão consideram-se apenas os aspectos relativos ao domínio da técnica e de sua aplicação à composição das formas, a ação humana poderá, talvez, ser encontrada no campo restrito do adestramento. Ainda, se as formas são interpretadas como resultado privilegia-

² WALTER, Benjamin,. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica In: *Obras Escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política* - São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 193.

³ CORBUSIER, Le. *Por uma Arquitetura* - São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 11.

⁴ Ibidem. p. 123.

do da aplicação de determinadas técnicas, corre-se o risco de limitar a arquitetura à prática tecnológica, exclusivamente.

É necessário ultrapassar estes planos de visibilidade, para inscrever o objeto – arquitetura, no âmbito da cultura. Com relação a este edifício, em particular, se trata de fazê-lo existir como um texto, como um acontecimento, para introduzi-lo no espaço da história e da crítica de arquitetura. Neste sentido, procuro um ponto de vista, em deslocamento, que permita o cruzamento de tempos e significações num movimento em que não se perca a contextualização do objeto. Trata-se de percorrer um trajeto em direção à memória.

O lugar privilegiado da arquitetura na memória social é o do monumento: este “sinal do passado” que perpetua recordações⁵. Os monumentos históricos articulam uma ordem simbólica do passado e sua constante representação é necessária à constituição das identidades culturais das coletividades. No espaço dos monumentos, a arquitetura se insere de modo particular como artifício que agrega infinitos fragmentos dessa memória que é coletiva. Condensa uma trama de acontecimentos - desde sua concepção até sua realização e uso - produzindo um documento, na grande maioria das vezes, urbano e público. A materialidade de suas formas traduz uma diversidade de práticas que atravessam o tempo da história e o tempo da memória, sendo, antes de mais nada, representação.

No caso dos Edifícios Públicos, ou melhor dizendo, dos edifícios que abrigam funções do Poder, o lugar de monumento costuma estar definido *a priori*, como condição subjacente à sua proposição. Se tomamos como referência uma linha no tempo, mesmo a tradição urbana mais remota já aponta para esta associação, pois o monumento está ligado à comemoração, à celebração de um acontecimento memorável, ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas.⁶

Por outro lado, há determinadas práticas que se vinculam nesta relação edifício - monumento. A escolha de determinados arquitetos, engenheiros, artistas e artesãos; a utilização de materiais de maior durabilidade, como a pedra e o mármore, em espaços de grandes dimensões;

⁵ LE GOFF, Jacques. Documento /Monumento In: *História e Memória* - São Paulo: UNICAMP, 1994, p. 535.

⁶ Id. *Ibid.*, p. 536.

em alguns casos, a introdução de novas técnicas e linguagens, são procedimentos que, em conjunto, criam obras monumentais: uma espécie de tradição construtiva do Poder.

L'ossature independant

No edifício das Diretorias, projetado pelo engenheiro Domingos Trindade, que até hoje abriga funções do poder público estadual, ressoa um conjunto de idéias formuladas por Le Corbusier, a partir dos anos 20, para uma arquitetura com planta livre, cobertura plana, janelas rasgadas em linhas horizontais, articulando espaços públicos e privados na cidade, através dos *pilotis*⁷. Este programa corbusiano, por sua vez, é assimilado e apresentado ao público, no Brasil, de modo inequívoco, no edifício do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945),⁸ - projetado pela equipe de Lúcio Costa: Carlos Leão, Afonso Reidy, Ernani Vasconcellos, Jorge Moreira e Oscar Niemeyer, assessorada diretamente pelo arquiteto francês⁹.

A contribuição decisiva de Le Corbusier à emergência de uma arquitetura modernista no Brasil, vincula-se a um longo e profundo relacionamento profissional com intelectuais, arquitetos e artistas brasileiros, que se inicia com a viagem de 1929 à América do Sul. No roteiro: Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro- conferências, encontros, propostas. As motivações, as implicações e os efeitos desta viagem à América do Sul repercutiram em diversos sentidos, para o viajante e para aqueles que o receberam¹⁰.

A recepção favorável de suas idéias promoveu, além de uma intensa correspondência, o retorno em 1936, a convite de Gustavo Capanema, para assessorar o projeto do prédio do Ministério, e a visita à Brasília em dezembro de 1962. A relação de Le Corbusier com o Brasil se estendeu por mais de quarenta anos e a disseminação de suas idéias, sem dúvida, marcou uma arquitetura brasileira que retrospectivamente denomina-se modernista¹¹.

⁷ *pilotis*: conjunto de pilares em área de circulação.

⁸ Hoje - Ministério da Educação e Cultura, MEC.

⁹ Obra amplamente citada e estudada. BENÉVOLO, Leonardo *História da Arquitetura Moderna* - São Paulo: Perspectiva, 1976. MINDLIN, Henrique E. *Modern Architecture in Brazil* - Rio de Janeiro- Amsterdã: Colibris, 1956. GOODWING, P. L. *Brazil Builds* - New York: 1943. HARRIS, Elizabeth D. *Le Corbusier- Riscos Brasileiros* - São Paulo: Nobel, 1987.

¹⁰ Estudo da documentação relativa às suas ligações com o Brasil no trabalho de Santos, Cecília Rodrigues et all *Le Corbusier e o Brasil* - São Paulo: Tessela/Projeto, 1987.

¹¹ *Ibidem*.

Lúcio Costa - que, segundo Yves Bruand, recebeu sem preconceitos as idéias do mestre francês¹² - desenvolve no texto “Razões da Nova Arquitetura”, de 1934, a proposta de um Modernismo comprometido com a idéia de “um novo modo de fazer”, dando às novas técnicas a razão das transformações na arquitetura. A técnica como razão da transformação. A técnica como aquilo que torna possível o surgimento de uma outra forma, reconhecida como nova. A “arte de construir”, que permaneceu durante muitos séculos praticamente inalterada, entrou em crise com o “advento da máquina”. *“A nova técnica reclama a revisão dos valores plásticos tradicionais. O que a caracteriza e, de certo modo, comanda a transformação radical de todos os antigos processos de construção - é a ossatura “independente”*.¹³

Esta nova técnica, de fato, redesenha a fisionomia das principais cidades brasileiras, nos anos 40 e 50. Uma série de edifícios públicos, comerciais e residenciais vão sendo projetados pelos principais escritórios de arquitetura, utilizando-se das novas técnicas, principalmente na exploração das possibilidades oferecidas pelas estruturas em concreto armado. Na medida em que a superposição de paredes não é mais condição impositiva para a verticalização, curvas suaves aparecem, liberadas, independentes da modulação estrutural. Introduz-se uma variedade de soluções de *brise-soleil*¹⁴ nas fachadas de maior insolação, acentuam-se as linhas horizontais das janelas, ampliam-se as superfícies de vidro e os painéis de revestimento cerâmico¹⁵.

Modernismos

Na linguagem modernista do prédio do MEC pode ser encontrada uma dupla representação da idéia de “novo”. Algo que é novidade mas

¹² Esta interpretação é questionada por Carlos Martins na dissertação de Mestrado *Arquitetura e Estado no Brasil*, USP, dez/87, pp.142-144.

¹³ COSTA, Lúcio. Razões da Nova Arquitetura In: *Artigos e Estudos de Lúcio Costa*, Porto Alegre: Imprensa Universitária, 1954, p.13.

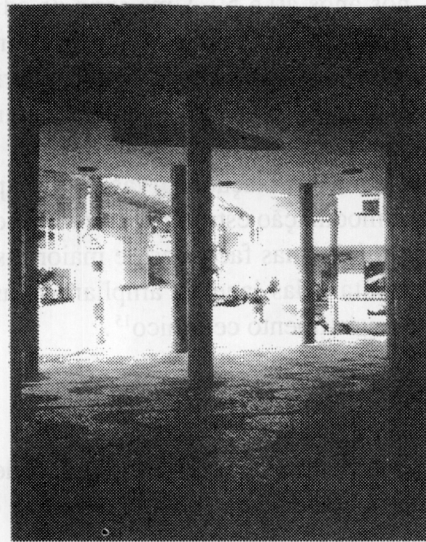
¹⁴ Quebra-sol.

¹⁵ Ver em MINDLIN, H. *Modern Architecture in Brazil* - Rio de Janeiro-Amsterdã: Colibris, 1956, conjunto de obras importantes que se inserem nesta proposta.

que também se liga à idéia de “recém - aparecido”, “recém-nascido” ou sem passado.¹⁶ Tão novo quanto o Estado e o próprio Ministério, criado em novembro de 1930.¹⁷

Na versão de Lúcio Costa, no texto já citado, a idéia de arquitetura moderna, como “nova”, parece se aproximar mais da idéia de arquitetura “da moda”, para usar a expressão baudelairiana:

*Filia-se a nova arquitetura, (...) às mais puras tradições mediterrâneas, àquela mesma razão dos gregos e latinos, que procurou renascer nos quatrocento, para logo depois afundar com os artificios da maquilagem acadêmica- só agora ressurgindo com imprevisto e renovado vigor.(...) Porque se as formas variaram - o espírito ainda é o mesmo e permanecem, fundamentais, as mesmas leis*¹⁸.



À esquina da rua Tenente Silveira com a rua Deodoro a marquise e o pilotis do Edifício das Diretorias são um ponto de referência e abrigo para os pedestres.

¹⁶LE GOFF, Jacques. *História e Memória* - São Paulo: UNICAMP, 1994, p. 173.

¹⁷XAVIER, Alberto org. *Depoimento de uma Geração* São Paulo: ABEA/FVA/PINI, 1987, p.113.

¹⁸COSTA, Lúcio. Razões da Nova Arquitetura. In: *Artigos e Estudos de Lúcio Costa*. Porto Alegre: Círculo de Estudos de Arquitetura, Imprensa Universitária, 1954, p.21.

Estando vinculado a um passado, o “novo” traz à memória elementos fundantes da arquitetura ocidental. Neste sentido, “colunas gregas” atravessam o tempo da modernidade e, da mesma forma é possível rearticular tradições construtivas num projeto moderno e nacional.

A identificação do “novo” com a idéia de progresso, define um outro sentido para a versão modernista no Continente Sul Americano. Em abril de 1932, em Buenos Aires, o arquiteto Wladimiro Acosta publica suas reflexões sobre “*la nueva arquitectura*” na revista Nuestra Arquitectura:

*No existe en realidad ningún estilo moderno. Las formas evolucionan de acuerdo con el progreso técnico y el desarrollo de nuevos conceptos de vivienda, liberándose cada día más de las anticuadas tradiciones estéticas y preconceptos colectivos; el progreso no puede caber de ningún modo en el marco rígido de un estilo estancado. La reforma estética no es el fin de la nueva arquitectura, sino la resultante de la firme disciplina intelectual impuesta por las claras tendencias científicas y sociales del arquitecto contemporáneo....*¹⁹.

Florianópolis, que abrigou um porto, ponto de intercâmbio entre Rio e Buenos Aires, não vivia ainda, na década de 30, as polêmicas modernistas abertas pela Semana de 22 ou discussões sobre amplas “remodelações urbanas”. Porém, em diversos planos, trocas acontecem e promovem mudanças. Enquanto o prédio do MEC era construído, Domingos Trindade estudava Engenharia na Politécnica do Rio de Janeiro, graduando-se em 1941²⁰.

¹⁹ BORGHINI-SALAMA-SOLSONA . 1930-1950. *Arquitectura Moderna em Buenos Aires* - Buenos Aires: FAU-UBA, 1987, p. 100.

²⁰ Em entrevista concedida para esta pesquisa não fica claro, por um problema de qualidade da gravação, se iniciou seus estudos em 33 ou 36.

Edifício

Em 1961, o jornal A Gazeta, de Florianópolis, anuncia na primeira página de sua edição de 05 de janeiro: *“Será inaugurado, hoje, oficialmente às 20:30 h. o majestoso Edifício das Diretorias, obra que vem enriquecer não somente o Patrimônio do Estado, mas também a estética urbana...”*



Na calçada da rua Deodoro, as ondas do mosaico no piso, a ondulação da parede revestida em pedra e a linha da série de colunas e de luminárias segerem uma tensão. Aqui, formas curvas predominam claramente.

O “majestoso edifício”, também conhecido informalmente como “Palácio das Diretorias” localiza-se na área central de Florianópolis. A escadaria da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (1787/1830)²¹ é uma presença de fundo. A Alfândega e o Mercado Público, construções do séc. XIX em estilo neoclássico, estão duas quadras adi-

²¹Fonte: Souza, Sara Regina de *A Presença Portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina* - séc. XVIII e XIX - Dissertação de Mestrado, CCH, UFSC, 1980.

ante, de frente para o mar. Duas quadras acima, na esquina da R. Tenente Silveira com a Praça XV, à esquerda, a Secretaria da Fazenda (1955) e à direita, o Palácio Cruz e Sousa, neoclássico, (construído em meados do séc. XVIII)²². Nesse ponto o espaço se amplia: à esquerda, uma ampla escadaria e a Catedral (1753/73)²³, com reformas em 1847, 1851, 1860). À sua frente a Praça XV.²⁴ Ruas e lugares cruzam uma infinidade de tempos criando densidade histórica. O novo edifício é introduzido neste contexto. É recebido como um *mais*: a “enriquecer o Patrimônio... e ... a estética urbana.

O Edifício das Diretorias inaugura, pelo menos no projeto, de 1953, uma versão modernista até então não ousada em Florianópolis. Uma área de 8542,76m² em 11 pavimentos sobre um pavimento térreo, com “pé-direito” duplo²⁵, e um subsolo. O recuo da construção criando uma calçada coberta, a dobra vertical do volume na esquina, as ondas suaves das paredes do pavimento térreo e sua recorrência alusiva no pavimento - tipo vinculam este projeto àqueles do modernismo emergente dos anos 40, no Rio de Janeiro e em São Paulo²⁶.

Ao término de sua construção, oito anos depois, outros edifícios já haviam traçado linhas verticais na paisagem do centro, indicando o início de mudanças no ritmo de crescimento de Florianópolis: edifício São Jorge (1952/ 6 pavimentos), edifício Zahia (1959/ 6 pavimentos), Banco Meridional (1959/ 9 pavimentos). O conhecimento das novas técnicas de *l'ossature independant* chegava à cidade nesse período. Os primeiros edifícios erguidos com estrutura independente de concreto armado, na década de 50, apresentavam um super-dimensionamento de lajes, vigas e pilares, produzindo uma arquitetura excessivamente pesada²⁷.

²² Reformado em 1839, 1895 e restaurado em 1978/79, *ibidem*.

²³ Reformada em 1847, 1851 e 1860, *ibidem*.

²⁴ Sobre a Praça XV ver - VAZ, Nelson Popini *O centro Histórico de Florianópolis - Espaço Público do Ritual*. Florianópolis: UFSC/FCC, 1991 e VEIGA, Eliane Veras da. *Florianópolis - Memória Urbana*. Florianópolis: UFSC/FCC, 1990.

²⁵ Pé-direito: altura do chão ao teto de um pavimento de uma edificação.

²⁶ Ver, por exemplo, MMM Roberto- Edifício das Seguradoras/ 1949 em MINDLIN, H. *op. cit.* p. 214.

²⁷ As dificuldades de ordem técnica e econômica em operar com a tecnologia do concreto armado, nesta época, foram relatadas pelo construtor Wolfgang Ludwig Ráu, em entrevista gravada para o Departamento de Arquitetura e Urbanismo-UFSC/ 1994.

Um avanço do conhecimento técnico atenua esse efeito no edifício das Diretorias.

Extensões, refrações, embaçamentos, ambigüidades

O Edifício das Diretorias se compõe de dois volumes : um que parece servir de base, recuado, com paredes cegas, onduladas e um outro, superior, em forma de caixa, com 11 pavimentos, que avança sobre a base e se apoia, na extremidade, em colunas que pontuam a calçada, formando uma galeria para pedestres.

Na verdade, esses dois volumes de seção retangular articulados sobre a esquina, se vistos de cima, formam um “L”, que acompanha o desenho do terreno. Seja contornando esse “L” ou observando o edifício a partir das outras esquinas do cruzamento, temos a ilusão de que todo terreno está ocupado, pelo volume construído. Desta forma, temos duas fachadas principais. Aí se pode reconhecer um desdobramento daquela solução adotada no edifício do Ministério. Sobre a Rua Deodoro a superfície do volume é definida por um *brise-soleil* fixo e sobre a Rua Tenente Silveira, janelas horizontais marcam uma alternância entre alvenaria e vidro. Considerando-se a extensão desta fachada, em relação à altura da edificação, o que predomina nas proporções do volume é a horizontalidade.

Apesar das possibilidades criadas pela utilização de estrutura independente o plano térreo não é amplamente liberado por um *pilotis*. Num sentido praticamente oposto àquele do Edifício do MEC, o espaço privado do lote se impõe. O percurso pela borda da quadra se mantém. A reafirmação da idéia do lote como espaço privado reafirma um caráter público de um tempo anterior, mais próximo daquele presente na solução do Palácio Cruz e Sousa.

A idéia de transparência também não se inclui no projeto. O vidro já havia sido utilizado em superfícies extensas, no prédio do Ministério e em outros edifícios como a Estação de Hidros (1938/Rio de Janeiro), o Aeroporto Santos Dumont (1938-1948/ Rio de Janeiro), a sede do IAB (1948/ São Paulo).²⁸ O primeiro pavimento, que não é ao nível do solo,

²⁸ Mindlin, H. op. cit. pp. 210-211, 224-227.

se oculta atrás de paredes-muros. O vidro, material “tão duro e tão liso, no qual nada se fixa”, que “é em geral o inimigo do mistério. E também o inimigo da propriedade”, não se ajustaria à concepção do edifício público que resguarda o poder e se afirma pelo caráter de monumento.²⁹

A colunata do templo grego presente no *pilotis* que forma a galeria ao longo da calçada, remete àquela romana, ligada às arcadas abertas contínuas. Na arquitetura religiosa medieval, renascentista e barroca, as arcadas definem as naves das igrejas e, externamente, compõem *atriums*, pórticos e arcadas de rua.³⁰ Na Catedral da Pç. XV, essa tradição soa com clareza. Em outros pontos do centro também encontramos estes espaços de galeria: no edifício Miguel Daux (década de 60/ Rua dos Ilhéus), no edifício da FIESC (década de 60/ Rua Felipe Schmidt) e no edifício do IPASE (Praça Pereira Oliveira) que inaugura esta solução na cidade, em 1944.

Ao fundo da ‘arcada modernista’ do edifício das Diretorias: uma superfície rugosa e ondulante. Placas retangulares de pedra rosada revestem esta parede cega que acompanha o percurso da galeria. A distância variável entre a linha de pilares e o ondeamento suave provoca uma tensão suave. As colunas, de seis metros de altura e 60 cm de diâmetro, marcam um ritmo de sustentação³¹. A parede recuada, sólida, desloca a lógica da repetição da série e introduz uma tensão na base do volume que se ergue sobre a racionalidade do cálculo do concreto armado.

Na esquina, a curva da parede se desloca e salta para o contorno da marquise que oferece uma proteção especial para os pedestres. Aí o ritmo regular gerado pelos pilares ao longo das calçadas se altera. Há um contraste entre a sucessão, em tempos iguais e o agrupamento das colunas sob a marquise em curva. Há uma mudança de ordem neste espaço que é mais da cidade que do edifício. Um lugar abrigado, de

²⁹ BENJAMIM, Walter. Experiência e Pobreza. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.117.

³⁰ PEVSNER, N., FLEMING, J. e HONOUR, H. - *Dicionário Enciclopédico de Arquitetura*. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

³¹ Medidas obtidas nas reproduções dos desenhos (em cópia heliográfica) fornecidos pela Divisão do Patrimônio Estadual.

cruzamento e parada, que lhe confere uma identificação singular. No piso: citação de outras calçadas. Um mosaico de pavimentação na versão do general Eusébio Cordeiro que em 1848, inaugura o desenho ondulado, em preto e branco, na Esplanada do Rocio, em Lisboa³².

A presença do *pilotis* sob a marquise cria uma espécie de *atrium*³³ para a entrada principal, elevada dois metros acima da calçada. O acesso se faz por uma pequena escadaria. Aqui, não há degraus de convite³⁴. Na quadra acima, ainda ecoam os degraus curvos que introduzem a escadaria da Catedral, em outro edifício do poder público: o edifício da Secretaria da Fazenda.

Outras reflexões

Tomando como pano de fundo um mosaico híbrido, onde as peças se articulam em tempos defasados, o edifício das Diretorias emerge como integrante de um período histórico relativamente amplo: aquele que é marcado pela afirmação da modernização do Estado, no Brasil, desde a construção do prédio do MEC até o projeto da nova capital, Brasília. Estabelecendo relações em outro nível, parece ser importante examinar alguns edifícios modernistas que são construídos, nesta época, em outras cidades de Santa Catarina, como por exemplo, Itajaí, Blumenau, Joinville, Lages e Criciúma. Neste sentido, o lugar de Florianópolis, como cidade-capital moderna deverá ser chave para a compreensão de alguns processos e efeitos no terreno das trocas culturais.

³² FRANÇA, José Augusto - *A Arte em Portugal*, Lisboa: Bertrand, vol. I, p. 369.

³³ Pátio interno de acesso a um edifício; espaço na frente de um edifício.

³⁴ Dois ou três primeiros degraus na sequência de uma escada, que se destacam pelas dimensões maiores e pelas formas arredondadas, principalmente na arquitetura barroca.